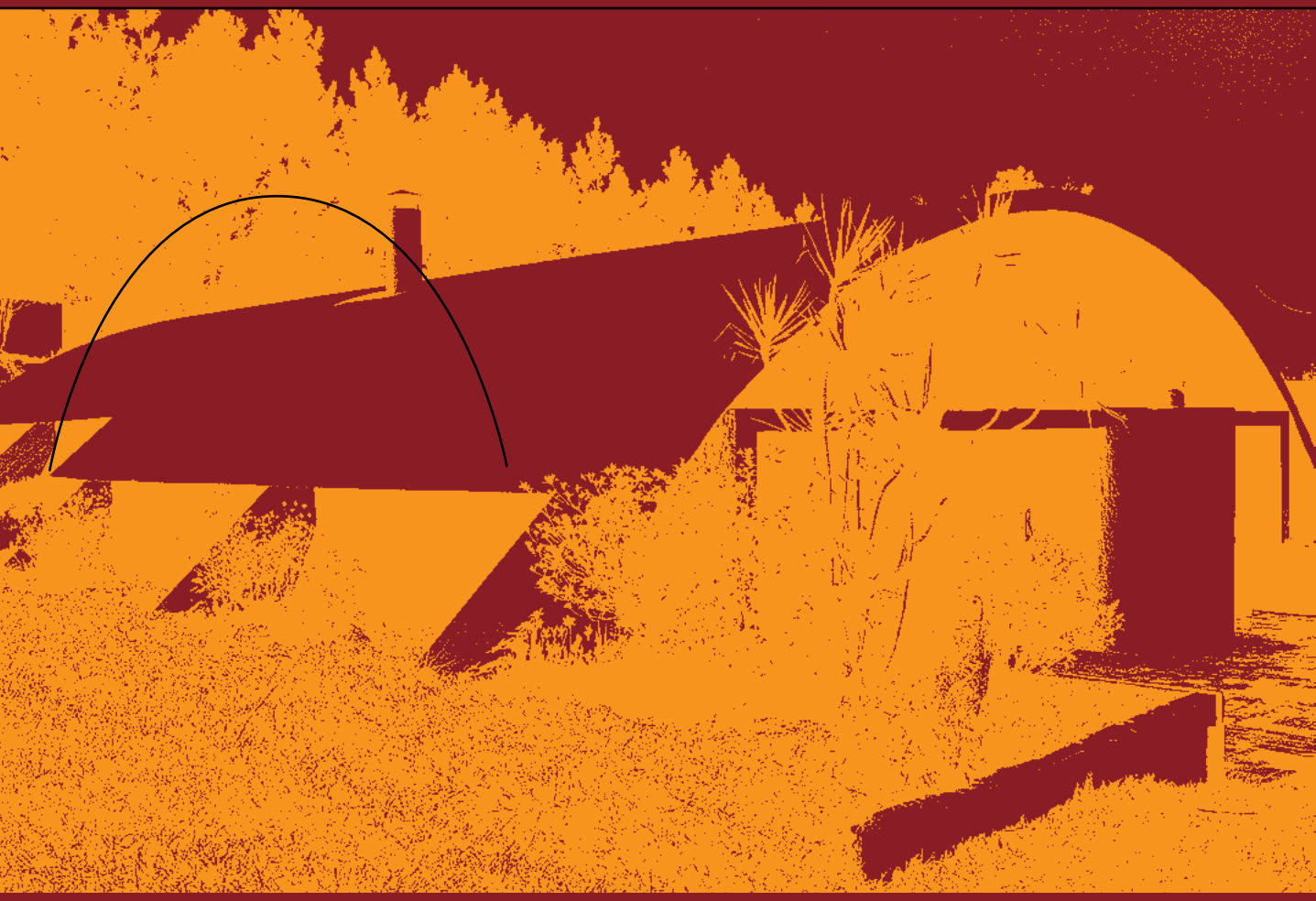
Passado, presente e futuro

SÉRGIO FERRO (*)

(*) Transcrição da fala do arquiteto e urbanista Sérgio Ferro na 28a. Reunião Plenária do CAU/SP em 27 de abril de 2023.



Residência Bernardo Issler, 1961.

¶ CONFESSO QUE, AO RECEBER a informação sobre essa homenagem a mim, eu achei estranho: eu sou um marginal entre os profissionais.

Eu, de uma certa maneira, os critiquei me criticando junto com aqueles que eu critico, e não entendia muito bem por que, de repente, bem velhinho já, haveria essa homenagem.

Mas, depois que eu soube da composição do Conselho atual, eu fiquei sabendo por que me homenageavam.

De uma certa maneira, vocês, com essa chapa vencedora, participam de uma luta, que é paralela àquela que eu mesmo travo, mantenho e continuo, e continuarei enquanto puder.

A luta pela igualdade dos gêneros converge com a luta pelos trabalhadores da construção, que eu prego, luto e desenvolvo durante toda a minha vida.

Quero agradecer à homenagem em primeiro lugar em nome também do Rodrigo Lèfevre e do Flávio Império, infelizmente ausentes, mas que são coautores daquilo que eu repito incansavelmente até hoje.

Tenho pena dos construtores e da situação deles atualmente. Desculpem, mas é bem pior que a das mulheres.

Vocês viram o que aconteceu no Catar recentemente: um verdadeiro genocídio programado, friamente conduzido, e não há termos para definir o que houve lá. E nenhuma reação internacional, como se trabalhadores da construção pudessem morrer na indiferença geral, adoecerem sem tratamento, serem explorados até a última gota de sangue.

Isso parece que está se tornando normalidade nas grandes construtoras.

Eu fui testemunho de uma espécie de prenúncio, de prólogo dessa barbaridade nos canteiros de Brasília. Foi lá, ainda estudante de Arquitetura, mas encarregado de fazer alguns projetos importantes em Brasília junto ao meu pai, que era promotor imobiliário, Rodrigo e eu desenhamos o que, graças ao Oscar Niemeyer, às regulamentações que ele fazia, as construções privadas pudemos realizar.

Não digo nunca o nome, mas há quem conheça o nome dessas barbaridades, e como naquele tempo, éramos obrigados, enquanto arquitetos, a visitar canteiros para ver se os nossos projetos estavam sendo bem conduzidos, Rodrigo e eu — o Flávio chegou um pouco depois— tínhamos tido já experiência de canteiros de obra, mas canteiros de obras quase doces.

Havia uma construtora em São Paulo chamada CENPLA —com 'n', e não 'm'— que construía os projetos de vários arquitetos da chamada Escola Paulista de Arquitetura, ou seja, seguidores do Vilanova Artigas, o grande mestre.

Essa construtora estava acostumada a ter que mudar um pouco os hábitos do canteiro, e tinha constituído uma equipe de trabalhadores bastante solidária, bastante harmoniosa sob a direção de Osmar Souza e Silva, sujeito maravilhoso, que conduziu os canteiros de obra, pelo menos aqueles que eram voltados para a Escola Paulista de Arquitetura, com muita doçura, [com] muita compreensão, com muito vagar, dando tempo para experiências dos arquitetos, para as mudanças que eles tentavam fazer nesse ou naquele componente do projeto, e [é] essa experiência que nós tínhamos do canteiro.

O canteiro era uma atividade digna, clara, sem violência. Não víamos sinais claros e nítidos de luta de classe, o contrário, as equipes eram sempre as mesmas, sempre os mesmos trabalhadores, e pouco a pouco nos acostumávamos nesse clima fácil, de um canteiro fácil, de um canteiro acolhedor.

Quando chegamos a Brasília com os nossos projetos, e vimos os canteiros de lá, mesmo os canteiros de nossos projetos, foi para nós um terror quase, uma surpresa absoluta.

Não podíamos imaginar —conhecendo somente os canteiros da Cenpla em São Paulo—, o que era um canteiro de uma construtora gigante, fazendo aqueles projetos acelerados de Brasília.

Mais tarde, na prisão, convivi com alguns companheiros que haviam participado da construção de Brasília, e eles nos contaram que a coisa era bem pior do que aparecia para aqueles que somente visitavam Brasília.

Um horror. E, realmente, um prenúncio, um anúncio do que posteriormente está acontecendo. Tenho lido alguns trabalhos sobre grandes construtoras que participam, paradoxalmente, do projeto 'Minha Casa Minha Vida', em que o trabalho começa também a atingir o nível de violência bastante grande.

[...] Eu trouxe aqui um livro, o último que saiu no Brasil, [...] no qual eu narro a história, um pouco do trabalho e da Arquitetura desde mais ou menos o ano 1000 até o fim do que eu chamo [de] período do classicismo, que é o fim do século XIX. Então, [é] um livro pretensioso, que cobre 'séculos e séculos e séculos', mas que tenta descrever essa queda, essa passagem de um universo extremamente belo, bonito, digno, a um outro, repito, o do Catar.

Lá no 'comecinho' não havia divisão entre o desenho e o canteiro: desenhar era uma atividade do canteiro; não havia arquiteto separado dos outros trabalhadores; o arquiteto era um coletivo, alguma coisa feita coletivamente.

Temos poucas informações do modo de elaboração até metade do século XII, mas antes desse período, não havia nenhum desenho que precedesse a construção: a planta era feita diretamente na terra, ou um esboço [era] feito a mão livre, [o] que bastava.

O resto era decidido durante a produção por todos os operários do grupo superior, não falo dos servos —havia mesmo escravos até, em certos casos— mas o grupo dos trabalhadores era um grupo de iguais, que decidiam coletivamente o que construir e como construir, e só eles sabiam fazer isso, ninguém mais.

Era praticamente o auge do mundo dos trabalhadores. Representavam a cúpula dos trabalhadores no sentido em que não só decidiam como fazer, mas decidiam o que fazer: as encomendas chegavam ditas, não desenhadas, e a partir das palavras, os arquitetos deveriam fazer o resto.

Isso muda um pouco mais tarde, e [é] quando começa a aparecer a figura do arquiteto: o arquiteto é o primeiro dos trabalhadores a se isolar do canteiro de obras por uma razão, talvez por evolução necessária, mas por razões externas mais que internas. Também [houve] razões internas.

Externamente o que aconteceu a partir do ano 1000 foi uma grande reforma na Europa, que nós conhecemos hoje como a reforma gregoriana. Isto é, uma reforma da Igreja.

A Igreja, até então, estava misturada com a sociedade. A partir do ano 1000, mais ou menos, aparece o Papa Gregório e faz uma reforma na qual a Igreja se isola completamente do mundo laico, e aparecem então duas entidades que vão se confrontar e vão de uma certa maneira se enfrentar: a sociedade laica, que começa a administrar as cidades, e de outro lado, a Igreja com sua estrutura e seu enorme poder.

O poder da Igreja, não só espiritual, mas econômico, é gigantesco nesse período. Essas duas entidades organizaram, de um lado, a cidade; do outro lado, as grandes construções da Igreja e que compreendem as catedrais, mas também conventos e outros edifícios administrativos, e de ensino.

Essa confrontação que exige o aparecimento de um desenho, de um desenho que estabeleça um acordo entre a administração urbana e a administração laica.

Essas obras da Igreja demoram anos, às vezes até séculos, e é preciso haver um documento qualquer que sele, que afirme, que registre o acordo que foi obtido entre a Igreja e a cidade.

Aparecem, então, desenhos maravilhosos. Uns dos mais bonitos estão na casa da obra de Notre Dame de Estrasburgo — são desenhos de quase três metros, uns pergaminhos gigantescos.

Não são exatamente, mas quase em escala, e não decidem aparentemente todos os pormenores, todos

DEPOIMENTOS EM ÁUDIO SOBRE SÉRGIO FERRO

Ouça o depoimento da presidente do CAU/SP, Catherine Otondo, durante sessão plenária em homenagem a Sérgio Ferro. Duração: 04:42 ↗ bit.ly/46SgMXz

Ouça o depoimento do arquiteto e urbanista Chico Barros sobre a relação de Sérgio Ferro com o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra. Duração: 09:58 ↗ bit.ly/4902aal

Ouça o depoimento do arquiteto e pesquisador Pedro Arantes sobre o pensamento de Sérgio Ferro e as relações de trabalho no canteiro de obras. Duração: 05:36 ↗ bit.ly/3M5Jk84

Ouça o depoimento do arquiteto e urbanista Victor Chinaglia sobre participação de Sérgio Ferro em debate na Ocupação Braço Forte em Americana/SP. Duração: 01:48 ↗ bit.ly/3rUX3ru

Ouça o depoimento da arquiteta e urbanista Raquel Schenkman sobre palestra de Sérgio Ferro na sede do IABsp em que abordou o tema arte, trabalho e Arquitetura. Duração: 03:18 ↗ bit.ly/3M7WEce

os detalhes, porém dão indicações suficientes para selar o tal acordo, não são desenhos de planta, porque os desenhos de planta naquela época eram de difícil leitura, só os especialistas conseguiriam ler, por terem vários níveis sobrepostos no mesmo desenho.

Por essa razão os desenhos que serviam para o acordo eram desenhos de fachada, do que era chamado até o século XIX, de retrato da obra. [Era] desenhado o retrato da obra a ser construída. Raramente era obedecido totalmente até as últimas consequências, mas servia de guia para os desenhos.

Na cidade, durante a primeira Idade Média, isto é, até o ano 1000, houve aquela série de invasões na Europa, dos godos, visigodos etc., que realmente entravam, saqueavam as cidades, e arrebentavam toda a economia.

Como consequência dessas invasões, a população tendeu a se aproximar dos castelos feudais, que tinham muralhas, tinham proteções. Dava para fugir e fechar uma porta que não havia nas cidades. As cidades não eram ainda fortificadas, eram abertas, facílimas de invadir.

[...] Com as guerras —a guerra é sempre um elemento fundamental em todas as desgraças humanas— no Oriente para expulsar os árabes de Jerusalém, na Espanha para expulsar os mesmos árabes da Península Ibérica, os europeus se acostumam a fazer escravos, prisioneiros, e, inteligentemente, não faziam escravos que não sabiam nada, ao contrário, procuravam escravizar gente competente em todos os domínios: Medicina, Geometria, Astronomia, e também, obviamente, Construção.

São esses escravos que aparecem nos relatórios. Não são escravos como a gente imagina: a gente miserável, explorada, levando chicotada. Eram técnicos de alto nível, que estavam ali em situação social de escravidão, mas encarregados também, ao mesmo tempo, de transmitirem aquele saber que eles tinham, que haviam herdado de toda a tradição oriental.

É aí que renasce o saber construtivo europeu e que vai ficar na mão de alguns que se reúnem em bandos, em grupos, e que vão percorrer de cidade em cidade, anunciando: “nós aprendemos e sabemos construir coisas grandes, não pequenas obras, evidente, mas catedrais altas, monumentais, porque aprendemos e temos este conhecimento. Não vamos ensinar para ninguém isso porque isso é nosso tesouro de guerra, é com esse saber que nós vamos negociar salário, tempo de trabalho, condições de trabalho etc”.

Os operários, então, —mesmo já em situação diferente, porque eram contratados pelas cidades e obrigados, a se organizar em corporações— têm uma força muito grande.

Essa organização em corporações era no primeiro momento, uma coisa bonita: significava dividir o trabalho igualmente com todo mundo, mas rapidamente se transforma num instrumento vicioso e hierárquico, separando os *compagnons* e os aprendizes.

Aparentemente, uma estrutura razoável, só que com o tempo, os mestres começam a gostar de serem mestres, e passam somente a transmitir a maestria para os filhos ou para o cunhado ou para o genro.

Então começou a haver uma seleção das pessoas formadas, que criam a primeira grande divisão realmente antagônica no corpo produtivo, uma oposição

muito grande entre o mestre, que normalmente era aquele que vai assumir esses desenhos de fachada que eu contei para vocês, e os outros, os *compagnons*, os trabalhadores qualificados, mas que não sendo nem filhos nem genros, não têm mais condições de ascender à maestria: ficam presos a um grau baixo da produção, e assim começou a ruptura entre o arquiteto, o mestre, o mestre da corporação, e de outro lado, a massa dos trabalhadores.

Essa distância vai só crescer com a história, e vai se esticar enormemente. Vai aparecer uma hierarquia entre os arquitetos, como vai aparecer uma outra hierarquia entre os trabalhadores.

Os arquitetos vão, durante a Renascença, se organizar em três categorias. Os 'big', os 'grandões', as estrelas de hoje, que simplesmente dão grandes orientações; o Alberti, por exemplo é a primeira figura desse tipo, ele não desenha mais projeto de arquitetura; ele desenha orientações gráficas para fazer o projeto, linhas, proporções, esquemas, mas não desenha mais parede, telhado nada disso. Isso é [com] o segundo arquiteto, um pouco abaixo dele, que é aquele que põe a beleza do saber do mestre em termos de desenho construtivo. E depois há um terceiro nível dos arquitetos, com aquele que vai ao canteiro dirigir os trabalhos, verificar tudo, etc.

E daí para baixo se desenvolve uma outra escada vertiginosa que vai dos *compagnons*, os companheiros, os operários altamente qualificados, mas sem condições de ascender à maestria e, embaixo, os aprendizes, os auxiliantes, e aquela montanha de serventes muitas vezes ainda na condição de servos feudais.

Não vou continuar descrevendo essa história —está ali no livrinho— depois disso houve o começo da Renascença a introdução da manufatura, que é uma redivisão do trabalho, [...], mas ainda mantendo a estrutura dos *m*étiers. Esses *m*étiers vão continuar ainda a ter um grande poder porque são os únicos que sabem construir. Não esqueçam que o segredo continua válido, continua aplicado.

[...] O segredo do saber fazer, este eles guardam ciumentamente, e não divulgam de maneira nenhuma. Aquilo que se faz no canteiro, e que só se aprende no canteiro e nunca vai ser objeto de obras escritas que podem comunicar o saber fazer, a não ser quando a Revolução Industrial faz crer que é necessário fazer alguma coisa para modificar a manufatura da construção. E começa a lenga-lenga eterna sobre a industrialização da construção, e aparecem as primeiras ciências —entre aspas— da construção, que vão alimentar pouco a pouco a corrosão dos *métiers.*

Na passagem do século XIX para o século XX, há um sindicalismo maravilhoso, o mais bonito sindicalismo da história dos trabalhadores, que é o sindicalismo revolucionário.

Não é marxista, não é industrial: há muita pouca indústria nesse período, na passagem do século XIX ao XX, a produção é quase que exclusivamente, manufatureira, como até hoje. São esses trabalhadores manufatureiros que são os mais revolucionários sempre.

São eles que fizeram 1793, em grande parte. São eles que fizeram 1830, em grande parte; 1832, em grande parte; mais tarde um pouco, 1848, é a primeira vez que realmente a classe operária se separa da burguesia e não desaparece neste absurdo chamado 'Terceiro Estado". Depois, na Comuna de Paris, um dos momentos mais bonitos da história humana, a maioria dos componentes vem das manufaturas da construção.

Em termos de proporção, eles são muito mais representativos na Comuna do que na sociedade em geral antes da Comuna. Há realmente uma concentração de trabalhadores da construção na Comuna, e são eles que, fundamentalmente, alimentam, constituem e desenvolvem o sindicalismo revolucionário.

Esse sindicalismo de base fundamentalmente anarquista tem por regra não obedecer [a] político nenhum, não participar de partido político nenhum, mas, ao contrário, fazer a revolução logo, e a partir do canteiro de obras.

O termo 'ação direta' quer dizer isso: os trabalhadores que têm o *métier* na mão e que são os únicos a ter *métier* na mão que fazem a greve; fazendo a greve, eles interrompem necessariamente a produção.

São eles que fazem os grandes movimentos extremamente violentos do sindicalismo revolucionário. Em cada greve, há mortos, luta com a polícia, de uma violência extrema.

A situação, eu acho (...) só tem piorado. Aquele mundo lindo dos construtores totalmente autônomos e autodeterminados desemboca hoje numa das situações mais precárias e horrorosas no mundo do trabalho.

E eu acho, mas não tenho prova nenhuma, que esse sindicalismo, que se espalhou pela Europa a partir da França, teria sido uma das causas da Primeira Guerra Mundial.

A Primeira Guerra Mundial foi comandada por aristocratas, os militares de formação, e quem vai mesmo para o campo de batalha são os componentes das camadas mais baixas e pobres, e sofredoras da população, e muitos da colônia também.

E todo mundo sabe a barbaridade das batalhas da Primeira Guerra Mundial. Batalhas totalmente inúteis, e que morre gente, morre gente, morre gente, coincidentemente, curiosamente, muitos dos trabalhadores da construção, e muitos, os componentes do sindicalismo revolucionário.

Quando acabou a Primeira Grande Guerra Mundial, duas grandes transformações: primeira, a industrialização se generaliza, a indústria europeia e mundial nasce lá no fim do século XVIII, XIX, e se desenvolve, se espalha como uma praga; a receita mágica para a nova sociedade.

Com a Primeira Guerra Mundial, se instaura o sistema industrial e a ritmo forçado a fim de fabricar bomba, armas etc.

Terminada a guerra, esse ritmo forçado, esse tipo de industrialização se generaliza porque era preciso reconstruir, era necessário refazer tudo e junto com isso são liquidados os restos do sindicalismo revolucionário, desse povo maravilhoso que faz as revoluções, [que] fazia as revoluções na Europa. Como exemplo os massacres de Rosa de Luxembougo e Karl Liebknecht, exemplos maiores do sindicalismo revolucionário. O sindicalismo se acomoda, e se acomoda até hoje. Cada vez perdendo mais terreno, os *métiers* são destruídos completamente {...], e fica a possibilidade não de industrializar a construção —nunca foi feito— mas de administrar a construção como se fosse uma indústria, através da destruição total dos mecanismos dos *métiers* tradicionais.

Na reunião da CGT francesa, mas que tem repercussão sempre mundial, a partir da França, declara[-se] o fim do sindicalismo revolucionário: nós vamos fazer um sindicalismo de convenção, um sindicalismo de discussão, de debate, e termina completamente esse veio, essa via, esse caminho revolucionário.

Eu escrevo isso num 'artiguinho' que não está aí: "concreto como arma". E a situação, eu acho, a partir daí, só tem piorado.

Aquele mundo lindo dos construtores totalmente autônomos e autodeterminados desemboca hoje numa das situações mais precárias e horrorosas no mundo do trabalho.

Por isso eu acho essa luta, que é afinal de todos nós, converge muito com a luta das mulheres hoje, chefes dessa Casa.

Por isso eu acho, por essas razões todas eu acho, que vocês tiveram a ousadia de me homenagear.

Muito obrigado. [Aplausos] ×

SÉRGIO FERRO É PINTOR, DESENHISTA, ARQUITETO E PROFESSOR, RADICADO NA FRANÇA HÁ MAIS DE 30 ANOS